

Biblos

Enciclopédia
VERBO
das Literaturas
de Língua Portuguesa

VERBO

Biblos

Enciclopédia
VERBO
das Literaturas
de Língua Portuguesa

1

VERBO



Shi

zido pelo mundo das formas, veio a afastar-se dele assim que Jackson de Figueiredo lhe abriu as portas do mundo das ideias e do mundo interior, que o levaram, homem já comprometido, a dizer «adeus à disponibilidade». Líder e doutrinador católico, numa linha neotomista definida por Maritain, o ensaísta Alceu Amoroso Lima adiantou-se ao crítico literário T. de A., entretanto (1935) eleito para a Academia Brasileira de Letras e chamado a postos de relevo no campo religioso e no campo universitário. A partir dos anos 60, a actividade publicística e jornalística de Alceu Amoroso Lima passa a privilegiar a acontecimentos político-sociais.

No domínio da crítica literária, certamente o aspecto mais perdurável do longo percurso intelectual do autor, o grande contributo de T. de A. foi o de, na síntese do seu exegeta António Carlos Villaça, dar «uma visão da vida através das obras e simultaneamente uma concepção das obras através da vida». É uma crítica humanista e ontológica pela preocupação com o nosso destino e o mistério do ser. T. de A. definiu o seu método crítico como «expressionista», que consiste — são palavras suas — «numa penetração mais profunda no espírito das obras, numa fusão preliminar da alma do crítico com a do autor, na transformação da análise objectiva em síntese expressiva, na individuação do juízo estético». Distingue ainda ele *reviewing* e *criticism*, escrevendo: «O *reviewing* é uma exposição o mais objectiva possível (a subordinação do crítico ao criticado) da obra, para apresentá-la ao leitor e despertar nele a vontade de ler o livro. Depois vem o *criticism*, que é a parte criativa do crítico, aquilo que fica realmente da sua actividade.» Do fecundo labor de T. de A. — que Afrânio Coutinho chamou de «globalismo crítico» pela sua natureza abrangente, ao mesmo tempo literária, filosófica, teológica e sociológica —, o que, na verdade, permanece são certos balanços ou quadros sintéticos da literatura brasileira, certos estudos e paralelos de escritores tão diferentes como Machado de Assis e Guimarães Rosa. O melhor da actividade crítica de T. de A. encontra-se no volume (org. de Afrânio Cou-

tinho), *Estudos Literários* (1966) e na antologia *Meio Século de Presença Literária* (1969, pref. de Gilberto Amado). No livro memorialístico *Companheiros de Viagem* (1971), há uma série de evocações ou retratos de escritores do seu conhecimento pessoal.

OBRAS PRINCIPAIS (no campo da literatura): Afonso Arinos, 1922; *Contribuição à História do Modernismo*, 1939; *Três Ensaios Sobre Machado de Assis*, 1941; *O Crítico Literário*, 1945; *A Estética Literária*, 1945; *Primeiros Estudos*, 1948; *Introdução à Literatura Brasileira*, 1956; *Quadro Sintético da Literatura Brasileira*, 1956; *O Jornalismo como Género Literário*, 1960.

BIBLIOGRAFIA: Álvaro Lins, «O Crítico Tristão de Athayde», in *Atlântico*, Lx., n.º 3, 1943; Afrânio Coutinho, *Tristão de Athayde*, o *Crítico*, 1980; Gilberto Mendonça Teles (selecção e apresentação), *Tristão de Athayde, Teoria Crítica e História Literária*, 1980; António Carlos Villaça, *O Desafio da Liberdade* (biografia de Alceu Amoroso Lima), 1983; id., *Alceu Amoroso Lima* (apresentação e antologia), Colecção «Nossos Clássicos», 1985; Francisco de Assis Barbosa, *Memorando dos 90* (entrevistas e depoimentos), 1984; João Bigotte Chorão, «Alceu versus Tristão», *O Escritor na Cidade*, Lx., 1986; id., «Uma Tentativa de Itinerário de Alceu Amoroso Lima», in *Brotéria*, Dez. 1994 (sep.); Alceu Amoroso Lima/Jackson de Figueiredo, *Correspondência-Harmonia dos Contrastes*, 2 tt., 1991-1992.

João Bigotte Chorão

ATHENA

«Revista de arte», surgida em Lisboa em 1924 e dirigida por Fernando Pessoa e Ruy Vaz. Constituiu um dos órgãos do Modernismo português. Teve 5 números e encontra-se reproduzida em ed. fac-similada (1983). O editorial do n.º 1 fornece-nos a explicação do título: «Tem duas formas, ou modos, o que chamamos cultura. Não é a cultura senão o aperfeiçoamento subjectivo da vida. Esse aperfeiçoamento é directo ou indirecto; ao primeiro se chama arte, sciencia ao segundo. Pela arte nos aperfeiçoamos a nós; pela sciencia aperfeiçoamos em nós o nosso conceito, ou illusão, do mundo. (...) [Os gregos] figuraram em o deus Apollo a liga instinctiva da sensibilidade com o entendimento, em cuja acção a arte tem origem como beleza. Figuraram em a deusa Athena a união da arte e da sciencia, em cujo effeito a arte (como tambem a sciencia) tem origem como perfeição. Sob o influxo do deus nasce o poeta, entendendo nós por poesia, como

outros, o *princípio animador de todas as artes*; com o auxílio da deusa se forma o artista» (n.º 1, p. 5). O final do texto define a arte suprema como uma arte abstracta, desumanizada e triste — nos antípodas da exuberância futurista. Ainda no n.º 1, destacam-se as «Odes» de Ricardo Reis, textos de António Botto e a tradução de «O corvo» de E. A. Poe, por Fernando Pessoa.

É no n.º 2 que vem publicada a conhecida homenagem de Pessoa a Sá-Carneiro («Morre jovem o que os Deuses amam...»), bem como «Os últimos poemas de Mário de Sá-Carneiro».

Do n.º 3, cumpre realçar 16 poemas de Pessoa ortónimo e o ensaio de Álvaro de Campos «Apontamentos para uma estética não aristotélica», que continua no n.º 4. Escreve Campos: «Creio poder formular uma esthetica baseada, não só na idéa de belleza, mas na de *força* — tomando, é claro, a palavra *força* no seu sentido abstracto e scientifico [...]. A arte, para mim, é, *como toda a actividade*, um indício de fôrça, ou energia [...]» (n.º 4, p. 113).

Nos n.ºs 4 e 5 encontramos uma selecção de poemas de «O Guardador de Rebanhos» de Alberto Caeiro: «Sou um guardador de rebanhos./O rebanho é os meus pensamentos/E os meus pensamentos são todos sensações» (n.º 4), p. 148.

De excelente qualidade gráfica, impressa em papéis e cartolinas de luxo, profusamente ilustrada com reproduções de Almada, Lino António, Milly Possoz e outros, *Athena* contou ainda com a colaboração literária do mesmo Almada, de Luís de Montalvor, de Mário Saa, etc. Mas é à quantidade e qualidade dos textos e metatextos assinalados por Pessoa e pelos seus companheiros de *Orpheu* que a revista fica a dever o seu maior interesse literário.

BIBLIOGRAFIA: Fernando Guimarães, *Simbolismo, Modernismo e Vanguardas*, Lx., 1982; Teresa Sousa de Almeida, «*Athena* ou a encenação necessária», pref. a *Athena* (ed. fac-similada), Lx., 1983; Clara Rocha, *Revistas Literárias do Século XX em Portugal*, Lx., 1985; Daniel Pires, *Dicionário das Revistas Literárias Portuguesas do Século XX*, Lx., 1986.

Clara Rocha

ATHENEU (O)

Sob a direcção de Ferreira de Brito, editou-se entre 1880 e 1881, no Porto, esta «gazeta ilustrada». Apresentava-se como uma «publicação de ensino, educação e recreio, e das conquistas da civilização moderna», e foi de facto uma revista de informação e entretenimento, com rubricas diversificadas: «Conquistas da civilização», «Ritos e Religiões», «Artes, ciências e indústrias», «Educação e Ensino», «Cousas pitorescas», «Botânica», «Filosofia natural», etc. Ao longo de vários números, a secção «Arquivo literário camoneano», preenchida por textos de Francisco Gomes de Amorim, Teófilo Braga, Nunes de Azevedo, Moniz Barreto e até Machado de Assis, pretendeu homenagear o «príncipe dos poetas» portugueses por ocasião do tricentenário da sua morte.

O *Atheneu* publicou, além desta, alguma colaboração literária: poemas, inéditos ou não, de Guerra Junqueiro («O Sol»), Antero de Quental («Mors Amor» e «O convertido»), Cesário («Sardenta»), João de Deus («Monarca infeliz») e Gonçalves Crespo, este último o mais assíduo, com «A mulher que ria» (vol. I, n.º 13), «O camarim» (n.º 16), «A confessada» (n.º 19), «Um número do Intermezzo» e «Violeta» (n.º 20), «Dulce» (n.º 21), «Alguém» (n.º 23), «Noute de Inverno», «Arrependida», «Eleitos e precitos» e «Destinos» (n.º 27), «A noiva» (vol. II, n.º 19), «A tua carta» (n.º 23) e «Bianco vestita» (n.º 24).

Com o mesmo nome, editara-se em Lisboa, em 1850, um «jornal literário, de administração e economia social», redigido por António de Oliveira Marreca, António Serpa Pimentel, João de Andrade Corvo, Latino Coelho, L. A. Palmeirim e outros. Foram escassas, neste jornal, as páginas de interesse literário, que se resumiram à rubrica «Bons desejos em favor da literatura portuguesa», em tom exortativo, e um artigo crítico sobre as *Memórias dum Doido* de Lopes de Mendonça. Predominaram, como seria de esperar num jornal cujo redactor principal foi Oliveira Marreca (1805-1889), autor da obra *Noções Elementares de Economia Política*, os temas relacionados com a economia, a industrialização e o desenvolvimento.

Clara Rocha